

Parte I: Testes

1. Alternativa a.

No fragmento, a murta representa Iracema, que, por sua vez, representa os índios brasileiros. Com o sacrifício dos indígenas (simbolizado no romance com a morte de Iracema), o colonizador (representado, no romance, por Martim, o qual, por sua vez, é representado pelo jatobá) pôde efetivar o projeto de colonização.

Incorreções:

Alternativa b. Não há relação entre a morte de Iracema e a descoberta do Brasil, mas sim com a colonização do Brasil.

Alternativa c. A morte de Iracema não garante um descendente a Martim.

Alternativa d. A ideia de que a morte da murta decorre do fato de não poder se apoiar no jatobá não tem relação com a colonização do Brasil.

Alternativa e. Moacir não morre em *Iracema*.

2. Alternativa c.

As duas primeiras afirmações estão corretas: *Iracema* encanta o público leitor por retratar o exótico e por sua linguagem poética. Bem como poemas da primeira geração romântica, os costumes dos chamados nativos, sua disposição bélica e todo o perfil idealizado transmitidos nos textos, provocam fascínio pelo desconhecido. Da mesma forma, no que diz respeito à linguagem, a obra explora tão acentuadamente a função poética, que o romance toma os contornos de um poema, sobretudo no primeiro capítulo, mas também ao longo de toda a obra.

3. Alternativa a.

O segundo parágrafo do excerto (“Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente”) é indicativo da influência das crenças mitológicas dos povos indígenas na observação e interpretação da realidade. Assim, é correta a **alternativa a**.

Incorreções:

Alternativa b. Embora Iracema seja submissa na relação que estabelece com Martim, não é verdade que ela não manifesta vontade própria: é ela quem se entrega conscientemente a Martim, quem decide partir com ele e inclusive, quem não se sente bem vivendo entre os pitiguaras e manifesta o desejo de morar em outro local.

Alternativa c. A morte de Iracema não enfatiza a efemeridade de sua existência (e isso em nada se relaciona com o modo de vida nos trópicos), mas constitui um desfecho coerente com a prerrogativa do enredo: se ela deixasse de ser virgem, morreria. Sua morte também reforça o caráter lendário da obra, já que os cearenses são originados de uma figura mítica.

Alternativa d. A tentativa de Alencar de reproduzir o universo indígena, incorporando termos em tupi, justifica considerar o vocabulário como “primitivo”. Esse cuidado na seleção vocabular, no entanto, não revela uma forma de “extração oral-popular”, como afirma a **alternativa d**.

Alternativa e. Iracema é a “virgem dos amores ardentes” e tem uma relação sexual com Martim, o que revela que houve uma supressão das proibições morais “relativas às práticas eróticas”, mas isso não é típico da literatura indianista, e sim traço específico da lenda cearense. A relação íntima entre Iracema e Martim é determinante para que nasça o fruto dessa relação, Moacir. Mas esse tipo de interação não é típica, como afirma o enunciado, das convenções para a representação do indígena no século XIX.

4. Alternativa d.

No Texto I, afirma-se que as “índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura”, ou seja, mulheres indígenas e europeias têm belezas equivalentes. No Texto II, Martim afirma que a mulher branca com a qual é comprometido “não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa”, mas, embora ele garanta que a branca não é mais bonita, ele não explicita sua opinião: Iracema não perde para a outra em beleza, mas pode igualar-se.

5. Alternativa a.

Em “O dia vai ficar triste, disse Caubi. A sombra caminha para a noite. É tempo de partir.”, depreende-se que a personificação do dia (triste) e da sombra (que caminha) alude à passagem do tempo, ao fato de estar entardecendo e o dia acabando.

6. Alternativa e.

Todas as afirmações estão incorretas: Em I, Iracema é sincera ao afirmar que desconhece a ave cujo pio foi ouvido por ela e Martim. O próprio Martim afirma que ela o desconhece, pois não vive no litoral. Em II, há erro, pois Iracema toma o cuidado, para não ofender Martim, de tratar os índios amigos dele pelo nome com o qual eles próprios se referem a si mesmos – pitiguaras – e não como “potiguaras”, nome jocoso pelo qual os tabajaras os chamam. Por fim, em III, Martim é prudente por pensar antes de falar, como se evidencia em “O estrangeiro reteve por um instante a palavra no seu lábio prudente, enquanto refletia”, e não por evitar usar palavras desconhecidas por Iracema.

7. Alternativa b.

No poema, a valorização que se faz das características indígenas, como os olhos escuros (em oposição aos claros) evidencia o indianismo e o consequente nacionalismo do maior representante da primeira geração romântica no Brasil, Gonçalves Dias. O texto não apresenta vocabulário erudito e o eu lírico (moça mestiça que sofre preconceito dos índios por ser diferente deles e não se julga superior) não minimiza as diferenças entre si e os demais: ela constata suas características incomuns e se entristece porque os índios evitam falar com ela e, quando falam, menosprezam-na, como se evidencia em “Responde anojado”.

8. Alternativa a.

Em “As sombras doces vestiam os campos quando ela chegou à beira do lago”, ao se fundirem duas impressões sensoriais (visão, associada ao substantivo “sombra” e paladar, associado ao adjetivo “doce”), ocorre a sinestesia. A mesma figura é explorada em “Tua voz queima, filha de Araquém, como o sopro que vem dos sertões do Icó”, em que se mesclam a impressão tátil (“queima”) e auditiva (“voz”). Note-se que em “Seu lábio pousou no lábio da esposa um beijo, mas áspero e morno” (**alternativa b**) as duas impressões são táteis. Nas demais alternativas não se exploram impressões sensoriais. Em **e** não se explora a interseção de sentidos.

9. Alternativa a.

No fragmento “Caubi partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema”, o índio explicita que somente partirá quando a tristeza, referida metaforicamente na frase como “sombra”, não inquietar mais sua irmã.

Incorreções:

Alternativa b. Iracema insiste em que Caubi parta, pois, segundo ela, Araquém só tem a ele, razão pela qual o filho deve ajudar o pai, já velho.

Alternativa c. Iracema não procura convencer o irmão de que está feliz, ao contrário, afirma que só ficará feliz quando Martim voltar, portanto, é inútil Caubi esperar que ela se alegre.

Alternativa d. Caubi concorda em partir, mas avisa que sempre visitará Iracema.

Alternativa e. Caubi sofre por ter que partir e se despede, abraçando a ela e ao sobrinho (“ambos, mãe e filho, palpitarão sobre o peito do guerreiro tabajara”).

10. Alternativa d.

Somente a afirmação II está incorreta: Iracema não retorna à cabana, após a partida de Caubi, por pretender descansar, mas porque ouve o choro do filho (“o grito da jandaia de envolta com o choro infantil a chamou à cabana”). As demais afirmações estão corretas, pois Iracema chora ao ver o irmão partir (“a areia fria onde esteve sentada guardou o segredo do pranto que embebera”); o filho de Iracema não para de chorar, mesmo quando a mãe lhe oferece o peito (“A jovem mãe suspendeu o filho à teta; mas a boca infantil não emudeceu”); a índia está tão fraca que não produz leite suficiente para alimentar o filho (“O leite escasso não apoiava o peito”).

Parte II: Questões**1.**

- Os índios tinham motivos passionais para guerrear, como comprova o fragmento “Confessam eles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar pais e amigos presos e comidos, no passado, do modo que contarei no capítulo seguinte.”
- Em *Iracema*, no episódio referido, os tabajaras lutam por serem inimigos dos pitiguaras que facilitam a chegada dos brancos pelo litoral.

2.

A cena retratada no Texto II contradiz aquilo se afirma no Texto I, pois Andira é velho e não incita os homens à guerra, ao contrário, procura dissuadi-los. Quem os exorta é Irapuã, um guerreiro jovem.

3.

- Para representar a covardia, Irapuã alude à imagem da pomba (que se encolhe quando o inimigo se aproxima).
- Para representar a ferocidade que o guerreiro deve ter, Irapuã alude ao gavião (que ataca subitamente suas vítimas).

4.

- No período, explora-se a metáfora.
- Em “...até que venha para ela a grande noite”, o termo “noite”, significa “grande tristeza/tristeza profunda”.

5.

No Fragmento III, “sombra” tem o sentido (figurado) de tristeza, já, no Fragmento II, “sombra” tem sentido diferente, pois refere-se (literalmente) ao entardecer, ao fim do dia.